

Concepções sobre criatividade em atividades motoras

Conceptions about creativity in motor activities

Cynthia C. Pasqua M. Tibeau¹

Resumo

[1] Tibeau, C.C.P.M. Concepções sobre criatividade em atividades motoras. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 10 (2): 33-42, 2002. Esta pesquisa, pautada em princípios humanistas e nas concepções de docentes universitários da Educação Física, busca entender e interpretar os conceitos de criatividade e criatividade motora. Os dados foram obtidos por meio de questionário e entrevista semi-estruturada com 20 docentes universitários de diferentes faculdades de Educação Física da Grande São Paulo. A análise qualitativa aponta que a criatividade motora é um tipo diferenciado de criatividade que implica a expressão de idéias, sentimentos, emoções por meio da motricidade; depende de experiências anteriores, mas não necessariamente da técnica de movimentos dos esportes; além disso, a criatividade motora é considerada um atributo do profissional da Educação Física, assim como a comunicação verbal.

PALAVRAS-CHAVE: criatividade, criatividade motora, criatividade e motricidade.

Abstract

[2] Tibeau, C.C.P.M. Conceptions about creativity in motor activities. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 10 (2): 33-42, 2002.

This research, based on humanistic principles and on the conceptions of the Physical Education Faculty teaching staff, seeks to understand and interpret the concepts of creativity and motor creativity. These data were obtained through questionnaires and semi-structured interviews with 20 university teachers of different Physical Education Faculties in São Paulo. The qualitative analysis and the data interpretation allow to conclude that motor creativity is a different kind of creativity that involves the expression of ideas, feelings and emotions thorough motion; depending on previous experience, but not necessarily on the technique of sports motion. Motor Creativity, like oral communication, is an important professional quality.

KEYWORDS: creativity, motor creativity, creativity and motivity.

¹ Capes e Centro de Pesquisas do UniFMU

Endereço:
Rua Alberto Gebara, 57 - CEP 04611-060 - São Paulo
E-mail: ictibeau@osite.com.br

Introdução

Questões que se colocam:

Qual o conceito que os docentes têm sobre a criatividade em atividades motoras? É diferente do conceito de criatividade geral? Quais os indicadores de um aluno criativo? Como são considerados os alunos que apresentam um potencial criativo mais desenvolvido? A que tipo de avaliação esse aluno está sendo submetido?

Não tem sido produtivo acusar a escola e o professor de inibidores do potencial criativo dos alunos. Se o futuro profissional é fruto do mesmo sistema, o que se espera dele durante o seu curso de formação? Como os professores universitários entendem, valorizam e promovem a criatividade dos futuros profissionais? Existe relação entre o potencial criativo do professor universitário e sua percepção da importância da criatividade nos cursos de graduação?

A literatura especializada aponta as características de indivíduos criativos: expressam-se livremente, têm tendência ao inconformismo e ao exibicionismo, possuem independência de julgamento, fluência e flexibilidade, empatia, rapidez de respostas e autoconfiança, entre outras. Essas atitudes são, muitas vezes, mal interpretadas pelos professores e, geralmente, o aluno criativo, possuidor de comportamento comunicativo, expressivo e questionador, “atrapalha o desenvolvimento da aula”.

A busca de respostas para os questionamentos desta pesquisa tem sua relevância no sentido de que buscou entender como, na prática, os formadores de futuros profissionais da Educação Física lidam com a criatividade. Com estes dados e com o referencial teórico de diversas áreas, tentou-se colaborar para a construção de um corpo teórico mais condizente com a prática de atividades motoras em Educação Física.

Entender o estímulo à criatividade motora como ação pedagógica mais crítica é de fundamental importância para quem se dedica ao trabalho de desenvolvimento da conduta motora, sobretudo em um momento em que a LDB reforça a Educação Física como parte da proposta pedagógica da escola e como componente da Educação Básica.

Neste artigo, trataremos de algumas questões referentes ao tema, abordando mais especificamente a concepção que docentes de faculdades de Educação Física têm sobre a criatividade.

Criatividade e motricidade

Presa a um modelo tecnicista de educação, a Educação Física sempre esteve às margens do universo escolar, encarada apenas como atividade e não como disciplina curricular que possui conhecimentos a transmitir.

Assumir a Educação Física como uma disciplina do contexto escolar, que deve estar voltada para a formação de indivíduos, exige uma reflexão sobre diferentes ma-

neiras de vivenciar o corpo em movimento que contribuam para o desenvolvimento de capacidades motoras, intelectuais, sócio-afetivas, que devem ir além da aprendizagem de habilidades pontuais. As atividades físicas, independente do contexto em que ocorram, devem extrapolar o simples exercício de ensinar a mecânica dos movimentos corporais.

Muito se tem falado a respeito da importância das atividades motoras no desenvolvimento integral do indivíduo, ressaltando, entre outros aspectos, a manipulação de materiais, a utilização de movimentos corporais construídos e culturalmente determinados. As aulas de Educação Física deveriam contribuir para o aluno conhecer melhor o seu corpo e os outros corpos em movimento, entender melhor a relação temporal e espacial que une e separa os corpos e vivenciar as relações que ocorrem nesse espaço. Buscar, por meio de vivências corporais diversificadas do conhecimento do funcionamento do corpo em movimento e do saber sistematizado da cultura corporal, compreender e modificar a realidade.

A Escola é o espaço em que o professor poderia trabalhar os conteúdos que dão suporte à formação de cidadãos mais conscientes. Infelizmente, por ainda predominar uma visão dualista de corpo e mente, a Educação Física ainda é percebida por alunos e educadores apenas como um momento para o treinamento de capacidades físicas e de condicionamento físico, que se limita ao corpo físico e biológico, não sendo consideradas outras implicações que possam ter no comportamento do aluno.

As atividades de Educação Física são motivadoras, prazerosas e bem aceitas por alguns alunos, pois oferecem atividades diferentes daquelas desenvolvidas em sala-de-aula. Para outros, geram sensação de incompetência, sacrifício, medo de errar... Esse contraste em relação às aulas e à própria atuação do professor foi também comentado por (11), que considera alguns mitos da Educação Física e de seu significado para a Escola: o trabalho do professor de Educação Física é mais fácil de desenvolver, ele é o mais querido da escola e o mais amigo dos alunos, e as aulas são mais agradáveis e descomprometidas com conteúdos.

A procura de uma identidade própria para a Educação Física, suas implicações como disciplina acadêmica e seu papel na sociedade ocasionaram (e têm ocasionado) discussões que abrangem a própria denominação Educação Física. Essa polêmica gira em torno da questão de que não se educa o “físico”, mas sim o ser humano.

Apesar da crise de paradigmas, de tentativas de rupturas epistemológicas, a formação do profissional nas Faculdades de Educação Física ainda parece pender, por um lado, para a manutenção e reprodução de padrões tradicionais mecanicistas e tecnicistas e, por outro lado, nota-se uma tendência em promover mudanças. Esse conflito pode estar associado à dificuldade de reconhecer o objeto de estudo da Educação Física: o movimento consciente, as condutas motoras com significado, a motricidade humana.

A motricidade humana foi proposta como objeto de estudo por Manuel Sergio, em 1986, na Universidade de Lisboa. O autor discute a constituição de uma Ciência da

Motricidade Humana, da qual a Educação Física seria a precursora. Seus pressupostos geraram debates em outros grupos, como o Kon-traste, coordenado por Eugenia Trigo, na Espanha, que partilha da mesma opinião e tem-se dedicado ao estudo da epistemologia da motricidade. No Brasil, o assunto tem sido discutido em poucas Universidades, destacando-se a opinião dos professores da PUC-SP, que consideram o movimento humano consciente como objeto de estudo da Educação Física.

Da reprodução à criação

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (7), a *Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica...* Os Parâmetros Curriculares Nacionais (10), buscando uma postura educacional que se distancie daquela em que o professor apresenta a atividade pronta e acabada para o aluno, estabelece, como parte dos objetivos do ensino fundamental, que o aluno seja capaz de:

- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente....
- utilizar diferentes linguagens - verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias....
- questionar a realidade, formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica....

Transformar, produzir, expressar, comunicar idéias, questionar, formular problemas são termos que se associam à criatividade. Percebe-se que o discurso educacional brasileiro aponta que a Escola deve propiciar aos alunos oportunidade de desenvolver seu potencial criativo em qualquer forma de expressão, inclusive motora.

Torna-se necessária uma reflexão sobre diferentes maneiras de vivenciar o corpo em movimento nas aulas de Educação Física, para atingir uma educação integral. Destacamos aqui, o movimento entendido como expressão da motricidade e como linguagem corporal, pela qual o homem opera no mundo. O movimento assim interpretado é uma forma de conhecimento.

Os objetivos propostos pela LDB não podem ser alcançados apenas pela repetição de gestos estereotipados ou se restringirem a exercícios de certas habilidades e destrezas, nem por modalidades esportivas institucionalizadas e codificadas. Deve-se levar em conta que o aluno, ao ingressar na escola, traz uma bagagem de movimentos culturalmente aprendidos que têm sentido e significado, representam um saber ou conhecimento e são a expressão da sua corporeidade - uma forma de linguagem construída para entender, relacionar-se com o meio e transformá-lo.

As aulas de Educação Física deveriam contemplar momentos nos quais os alunos pudessem vivenciar seu próprio corpo, descobrir suas potencialidades individual-

mente e em grupos, pensar e agir criativamente, criar novas formas de movimento e expressar sua subjetividade.

Não se trata de descartar os movimentos técnicos dos conteúdos das aulas de Educação Física, mesmo porque eles estão relacionados aos esportes, ginástica, lutas e danças que fazem parte de nossa cultura. A questão é que se entenda a importância de cultivar uma prática que coloque o aluno frente a atividades que estimulem a busca de uma linguagem corporal própria.

Entendo que a criatividade motora é uma forma de conhecer, pensar e agir, não a reprodução do conhecido, do vivenciado, mas a construção de novos conhecimentos e movimentos que refletem associações e elaborações, a partir daquilo que o indivíduo já experienciou. Essa nova produção, que pode ser manifestada em uma coreografia de dança ou de ginástica, um novo jogo, uma nova maneira de brincar, tem valor para quem a produz e é a expressão de como o indivíduo vê e se relaciona com o mundo. Ao vivenciar essa nova ação com outras pessoas, a atividade torna-se um meio rico de troca de informações e experiências e transforma a realidade. No entanto, essas atividades não podem ser encaradas como fim em si mesmas; devem ser seguidas por uma reflexão dos membros do grupo para que se tornem efetivamente uma construção de conhecimento.

Apesar de constar nas propostas pedagógicas, a criatividade acaba sendo uma capacidade proclamada na teoria e esquecida na prática (15).

Como lembra outro autor (9),

...a noção de criatividade é um constructo, como tantos outros na Educação Física, que, mesmo sobrevivendo durante tantos anos, não se tem uma idéia clara do que significa e qual é o seu papel no processo ensino-aprendizagem.

Um ponto a ser lembrado: as aulas de Educação Física são “transparentes”, no sentido de que acontecem, na maioria das vezes, em locais de acesso a todos (na quadra, no pátio, no ginásio). As portas estão sempre “abertas”, o que poderia ser uma das causas de certa insegurança por parte do professor para trabalhar com atividades das quais, muitas vezes, ele desconhece o processo e o resultado. Nesse sentido, um tipo de aula dirigida, na qual o professor organiza e comanda as atividades, mostra uma ordem e uma disciplina que oferecem uma falsa idéia de produção, o que, talvez, seja um dos obstáculos para uma mudança nos rumos da Educação Física, que se vê apenas “física” e não como educação.

O problema

Em geral, percebe-se que todo sistema educativo parece estar centrado na competitividade e na individualidade. Poucas disciplinas curriculares ensinam a trabalhar em grupo ou incentivam a criatividade em qualquer forma de expressão, presas a conteúdos, muitas vezes, pouco significativos para os alunos.

Na Educação Superior, uma das maiores queixas dos professores universitários é a dificuldade de os alunos pensarem criativamente (17). Acrescento a isso minha preocupação como docente de cursos de graduação de professores: a dificuldade de os alunos pensarem e agirem criativamente em atividades motoras.

A criatividade decresce no ambiente escolar, e o indivíduo faz uso limitado do seu potencial criador. A produção criativa do aluno depende, entre outras coisas, de estímulos por parte do professor e do meio ambiente. Via de regra, o discurso pára por aí e nossos alunos, futuros profissionais, que muitas vezes não tiveram a chance de desenvolver seu potencial criativo, acabam por ensinar aos seus alunos somente técnicas desportivas (13).

Historicamente a formação de professores de Educação Física tem privilegiado conteúdos e atividades que se ligam diretamente ao produto final. O esporte tem sido o conteúdo predominante nos currículos das Faculdades de Educação Física, maximizando o seu caráter prático, minimizando seu caráter histórico-cultural, social e educativo. Esses momentos ricos em linguagem corporal, linguagem verbal e situações de interação do grupo não são bem aproveitados. O esporte passa a ser considerado fim e não meio para atingir objetivos educacionais, tais como: perceber-se como indivíduo integrante, questionador e transformador do ambiente, produzindo, expressando e comunicando idéias; desenvolver o autoconhecimento, a autonomia, a emancipação e adquirir hábitos básicos de qualidade de vida.

A idéia de que a criatividade estaria ligada exclusivamente à arte tem levado a se considerar a Dança e a Expressão Corporal (também por preconceito, ligadas ao sexo feminino) como as únicas atividades que propiciam o desenvolvimento da criatividade.

Lidar com o corpo ainda é visto por profissionais como um tabu. O medo de se expor e descobrir novas formas de sensações corporais é reflexo de uma formação tecnicista, unilateral e mutiladora da expressão criativa no movimento. O futuro profissional acaba por transmitir uma idéia preconcebida a seus alunos, desencorajando a prática de atividades que promovam a criatividade.

Parece existir um equívoco no entendimento da criatividade em Educação Física, a começar pela própria denominação: alguns profissionais falam em criatividade motora, outros, em criatividade corporal e outros preferem simplesmente o termo criatividade.

Abordagem metodológica

Estudar a Criatividade como fenômeno e capacidade humana requer uma atitude menos conservadora, menos pragmática e menos cartesiana, por parte do pesquisador, o que implica rejeitar paradigmas que desprezem o papel ativo do sujeito na produção de conhecimento. Como argumenta um autor (4), com muita propriedade:

Quem investiga no campo da motricidade humana tem que começar por desmistificar a ciência.... romper quaisquer obstáculos a uma visão de complexidade... vencer tentações da Ciência Clássica.... do reducionismo simplista.

Buscando apreender a complexidade do tema, optamos por uma metodologia, entendida sob o ponto de vista da epistemologia do conhecimento, que,

numa perspectiva histórico-crítica, pressupõe um processo de construção que leva em conta a apreensão da realidade como um momento indissociável da intenção prática do sujeito (3).

Desta forma, nosso ponto de partida foi buscar no relato dos docentes aspectos de sua prática pedagógica que pudessem nos auxiliar na compreensão do fenômeno da criatividade.

A opção pela investigação qualitativa, mais flexível, justifica-se pela riqueza de pormenores que os dados podem oferecer, privilegiando a compreensão da criatividade a partir de uma visão pessoal dos sujeitos em seus contextos de trabalho. As estratégias utilizadas proporcionaram aos sujeitos investigados responderem de acordo com sua perspectiva pessoal, levando-os a expressar livremente suas próprias opiniões.

Os dados coletados foram submetidos a processo de análise de conteúdo, sendo categorizados e quantificados a partir do número de afirmações dos docentes consultados. Sempre tendo por base as categorias molares definidas e acompanhadas, quando necessário, de subcategorias (moleculares), foi verificado em que aspectos incidiram as maiores frequências em cada grupo e na opinião geral dos docentes.

Sujeitos e instrumentos

Foram selecionados, aleatoriamente, 20 docentes (11 do sexo feminino e 9 do masculino) que trabalhavam em mais de uma das 13 Faculdades de Educação Física da Grande São Paulo; todos são formados há mais de oito anos e atuam no ensino superior de 3 a 27 anos, cinco possuem somente o grau de especialistas, quatro cursam o mestrado, seis são Mestres, quatro estão cursando o doutorado e dois docentes são doutores.

Para os propósitos deste trabalho, optamos por separar os docentes em quatro grupos, de acordo com as disciplinas que lecionam e que têm denominações semelhantes à: G1 - docentes de Modalidades Esportivas; G2 - docentes de Ginástica, Dança e Atividades Rítmicas; G3 - docentes de Recreação e Lazer e G4 - docentes de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio.

As questões do Instrumento 1 e os temas da entrevista semi-estruturada foram elaboradas seguindo os objetivos do trabalho:

1. Identificar, analisar e comparar as concepções dos docentes sobre criatividade.
2. Verificar diferenças entre criatividade em geral e criatividade em atividades motoras.
3. Analisar e categorizar os indicadores da criatividade citados pelos docentes.
4. Verificar a importância, estímulo e avaliação da produção criativa de seus alunos.

O Questionário (Instrumento 1) constou de dados sobre a identificação do docente, de 2 questões “abertas” e 1 de resposta múltipla, elaboradas de forma a verificar os indicadores de criatividade sugeridos pelo docente e quais características de comportamento criativo eram consideradas mais comuns às pessoas criativas em situações motoras (questão 3).

A entrevista semi-estruturada (Instrumento 2) teve como meta aprofundar as questões respondidas no Instrumento 1, que pudessem ser melhor respondidas através do diálogo com os docentes. Nos temas que geraram o roteiro da entrevista, procuramos identificar nos docentes: conceito sobre a criatividade e criatividade em atividades motoras, a importância que atribuem ao desenvolvimento da criatividade em cursos de formação de professores e como procuram desenvolver este potencial em seus alunos, criatividade como critério de avaliação, a confirmação dos dados e a revelação de outros, pela descrição de episódios criativos, sobre a criatividade em atividades motoras.

Resultados

Concepções sobre criatividade

O roteiro da entrevista constou de quatro perguntas ou temas geradores, a primeira questão (como você conceitua criatividade?) pretendia apreender conceitos espontâneos e verificar a maneira como os sujeitos da pesquisa entendem o fenômeno da criatividade. As respostas foram categorizadas de acordo com os diferentes enfoques encontrados na literatura e a ênfase dada pelos docentes em seus discursos. Categorias de análise:

◆ **Produto:** algo produzido ou apresentado pelo aluno de forma inédita ou não, isto é, concepções associadas ao conceito de valor e de conhecimento do docente.

◆ **Processo:** respostas que se referem a transformar, mudar, relacionar, associar, adaptar, ou seja, que envolvem formas de pensamento mais elaboradas, valorizando mais o complexo processo de associação e dissociação e o pensamento divergente do que o resultado.

◆ **Resolução de Problemas:** respostas que consideram a capacidade de tomar decisões e solucionar problemas de forma diferente.

◆ **Características Pessoais:** qualidades, atitudes da pessoa criativa, aspectos motivacionais e traços de personalidade, que se supõe serem impulsos que levam o indivíduo a descobrir, inventar ou criar algo e que estão mais relacionados ao desenvolvimento pessoal.

A Tabela 1 mostra a distribuição da opinião dos docentes em cada uma das categorias analisadas.

TABELA 1: Conceito dos docentes sobre criatividade

Categorias	Grupos	G1		G2		G3		G4		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
produto -inédito, não convencional		4	26,6	4	26,6	3	20	4	26,6	15	100
processo -mudar conceitos, quebrar padrões, combinação de algo conhecido		-	-	3	23	6	46,1	4	30,7	13	100
resolução de problemas -capacidade para tomar decisões e resolver problemas;		3	33,3	1	11,1	2	22,2	3	33,3	9	100
características pessoais -espontaneidade; auto-realização, autoconfiança		2	20	2	20	3	30	3	30	10	100

Criatividade motora

O segundo tema gerador da entrevista perguntava ao docente a possível diferença entre criatividade geral e criatividade motora. Ao serem questionados, 50% dos docentes acreditam que a criatividade é “igual”, “é um nú-

cleo e tem ramificações”, “é essência”, o que muda é a forma de expressão, sua manifestação. Para os outros 50%, a criatividade motora é diferente, porque utiliza o corpo e os movimentos para sua manifestação.

A Tabela 2 mostra a distribuição das opiniões dos docentes dos quatro grupos.

TABELA 2: Criatividade e Criatividade motora: diferenças e semelhanças

Categorias	Grupos	G1		G2		G3		G4		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
A criatividade motora é igual à criatividade em geral, só muda a forma de expressão: corporal		1	10	3	30	3	30	3	30	10	100
A criatividade motora é diferente da criatividade, pois utiliza a linguagem corporal como forma de expressão		4	40	2	20	2	20	2	20	10	100

n = número de afirmações; %= porcentagem sobre o número de afirmações; Total = número total de afirmações

Poucos docentes usam o termo criatividade motora. Apesar de alguns docentes diferenciarem a criatividade geral da criatividade motora, parece não existir uma linguagem única para denominar esse tipo de capacidade.

A palavra “motora” pode não ser, para alguns, o mais apropriado, mas é melhor que “corporal”, que poderia indicar que qualquer gesto ou movimento determina a ação criativa.

Mesmo os docentes que não diferenciam a criatividade da criatividade motora fazem referências ao corpo, à expressão corporal, ao movimento, como canais de comunicação das idéias criativas.

“Trabalhar bem o corpo” pode indicar estética e performance, que nos daria a idéia da necessidade de uma técnica corporal aprimorada e específica para a pessoa ser criativa com sua motricidade. É uma visão tecnicista ligada às artes, à dança e aos esportes de alto nível.

Por suas diversificadas experiências de movimento, o indivíduo pode desenvolver capacidades cognitivas, sócio-afetivas e emocionais que lhe possibilitam ser criativos também em outras áreas. Neste sentido, estaríamos falando em motricidade, que pressupõe o movimento intencional, com sentido e significado.

Essas observações parecem reforçar a idéia de que a criatividade motora está diretamente ligada à quantidade e qualidade de experiências de movimento, um dos aspectos que a diferenciam dos outros tipo de criatividade.

Descrição de episódios criativos

Ainda tentando compreender a perspectiva pessoal de cada um dos sujeitos sobre a conceituação de criatividade e a possível diferença entre a criatividade motora, solicitou-se a cada docente que descrevesse um episódio no qual um aluno ou grupo de alunos tivessem demonstrado criatividade.

Ao relatarem episódios criativos de alunos, 15 docentes descreveram situações de atividades práticas que envolvem coreografias, séries de movimentos, jogos e brincadeiras, normalmente objeto de avaliação. Os outros 3 episódios contavam respostas verbais inusitadas, dadas pelo aluno e atitudes cômicas durante as aulas e que foram consideradas criativas pelos docentes. Dois docentes alegaram que não se lembravam de episódios desse tipo: “eu não me lembro de ter visto muita coisa criativa” e “é difícil lembrar... nada foi tão criativo assim”. A Tabela 3 mostra a distribuição dessas respostas e a Tabela 4, a razão pela qual o docente considerou o episódio criativo.

TABELA 3: Assunto dos episódios criativos de alunos

Categorias	Grupos	G1		G2		G3		G4		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
atividades práticas -elaboração de coreografias, jogos pré-desportivos, mudar uma atividade conhecida		4	26,6	5	33,3	3	20	3	20	15	100
em sala aula -resposta inusitada, linguagem verbal		1	33,3	-	-	1	33,3	1	33,3	3	100

**n = número de afirmações; %= porcentagem sobre o número de afirmações;
Total = número total de afirmações**

Quando os docentes falaram em “elaboração” de trabalhos não se referiam ao processo, mas à apresentação ou comunicação do produto criativo. Apenas um dos docentes relatou:

“Normalmente eu acompanho o processo de trabalho de meus alunos. Antes da apre-

sentação do trabalho, eu já sei o que os alunos trabalharam e, assim, posso considerar o processo de produção. Tenho em média 60 alunos por turma e 100 minutos de aula por semana.”

Os aspectos que mais se destacaram foram o lúdico, o inédito, “ir além” do que era solicitado pelo docente.

TABELA 4: Aspectos considerados criativos nos episódios de alunos

Categorias	Grupos	G1		G2		G3		G4		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
aspecto lúdico -brincadeiras, coisas engraçadas		1	20	2	40	-	-	2	40	5	100
inédito -coisas inusitadas, improváveis, que surpreenderam o docente		4	57,1	1	-	1	14,2	2	28,5	8	100
Ir além -coisas que não foram solicitadas pelo docente		1	20	2	40	1	20	1	20	5	100

**n = número de afirmações; %= porcentagem sobre o número de afirmações;
Total = número total de afirmações**

Em cinco episódios os docentes atribuíram a criatividade do aluno ao aspecto lúdico: “...criava movimentos na base da brincadeira”; “surgem coisas engraçadas que podem ser criativas” e “me mostrou uma situação lúdica, uma brincadeira”; “foi engraçado”, “começaram fazendo uma brincadeira... e deu certo”.

No senso comum, o significado de brincadeira, “coisas engraçadas” e mesmo o termo lúdico assumem um sentido pejorativo: algo que serve “só” para prazer e divertimento. O lúdico, porém, vai além do fazer por fazer; do sentimento de prazer, muitas vezes, surge o impulso criador.

O lúdico é capacidade humana de gozar a vida, aqui e agora, de uma maneira autônoma e construtiva para a pessoa (16). Para outro estudioso, (6) a criatividade é como um jogo intelectual, uma permissão para fantasiar, rir,

ser espontâneo. No momento lúdico, na brincadeira consegue-se superar a sensação, a percepção e as emoções consideradas adequadas e previsíveis e ir em busca do inusual, do diferente, do imprevisível.

Às vezes, o aluno surpreende o professor indo além do que foi solicitado. A maior parte desses episódios aconteceu em aulas e os docentes consideraram a criatividade do aluno com base naquilo que não tinha sido pedido.

Descrição de episódios dos docentes

A análise dos episódios revelou a situação na qual cada docente se sentiu criativo, sendo agrupados em categorias que diziam respeito à sua atuação em atividades com seus alunos como professor, em atuações como atleta e em

outras situações em que o docente se considerou criativo por respostas verbais que emitiu.

Da mesma forma que nos episódios de alunos, quatro docentes manifestaram dificuldade em lembrar ou relatar situações onde se consideraram criativos: “*tenho pouca chance de ser criativo.... estou muito preso a programas e conteúdos*”; “*não sei se sou muito criativo*”; “*eu me acho muito criativo, mas conheço pessoas que são extremamente criativas*”; “*eu me acho criativa só quando se trata de lidar com aprendizagem infantil... contar histórias*”.

Em suas falas, pôde ser observada a referência à atividade em sala-de-aula: “*improviso aulas em qualquer situação*”; “*meus exemplos em sala-de-aula são sempre muito criativos*” e “*busco outros requisitos para trabalhar*”.

Um aspecto que deve ser mencionado é que os docentes consideraram respostas verbais criativas, na descrição de episódios de alunos e nos seus próprios. Isso parece indicar que ser criativo, através da expressão verbal, é também atributo importante para o profissional da Educação Física.

Discussão sobre conceito de criatividade e criatividade motora

Ainda que os docentes em seus conceitos pessoais sobre a criatividade tenham se reportado aos 4 aspectos categorizados, a incidência maior das respostas foi em relação ao produto criativo, dando ênfase ao caráter inédito e desconhecido.

Como relatam autores (1), o conceito modernista de criatividade preconiza a originalidade e a fluência, dando ênfase mais ao objeto que ao sujeito. Numa perspectiva mais atual e humanista, o significado do ato criativo está na relação sujeito/objeto, “*pela relação entre quem olha e aquilo que é visto*” (p.13). Para produzir algo novo, desconhecido para a maioria, é necessário que o indivíduo conheça profundamente uma área de conhecimento.

Emerge, então, a questão das experiências anteriores e oportunidades que possibilitam ao aluno expressar seu potencial criativo, frente ao que é considerado desconhecido, criativo e original. Entretanto, o que é conhecido para o docente, muitas vezes, não o é para o aluno.

Os docentes dos quatro grupos usaram o termo “*elaboração*”, ao se reportarem a um trabalho criativo executado por seus alunos. Em nosso entender, o termo elaboração foi utilizado de forma inadequada, já que os docentes falam sobre a apresentação de trabalho, que é visto como produto final de algo solicitado. Falar em elaboração significaria que o docente teve condições de observar todo o processo de criação do trabalho.

Considerando que nas universidades particulares as classes têm, em média, 50 alunos, e as disciplinas são ministradas uma vez por semana, fica evidente que o docente não tem condições de acompanhar todo ou parte do processo de elaboração dos trabalhos.

Apesar da ênfase ao produto criativo inédito, percebe-se uma valorização da ação do indivíduo que cria: “*saber apresentar trabalhos diferentes do que os apresentados pela maioria*” e saber fazer “*algo inédito para o momento e para o grupo*”. A idéia apresentada é nova e criativa para aquela pessoa, naquele momento, não importando quantas pessoas já tiveram essa idéia antes. Esta concepção estaria mais de acordo com os pressupostos de (6) em relação à criatividade primária e secundária, outro pesquisador (2) considera como P-criatividade e H-criatividade e a outros autores que fazem referências a estes dois aspectos da criatividade.

Os docentes também deram ênfase ao processo: relacionar, associar, melhorar uma idéia, ter conhecimento prévio e experiência no assunto. Com base nas experiências anteriores, muda, transforma idéias e o ambiente e, conseqüentemente, apresenta uma resposta que é diferente.

Nos episódios relatados pelos docentes não ocorre exemplo que caracterize o processo criativo. Ao relatarem seus próprios episódios, os docentes citaram a improvisação e a resolução de problemas.

Improvisação é um alto grau de criação, difícil de definir, caracterizada pela instantaneidade, chamada de “*criatividade imprevista*” (14). Não envolve nenhum tipo de processo que possa ser observado.

Conceituar criatividade como resolução de problemas causa dúvidas, pois a resolução de um problema não corresponde necessariamente a uma resposta criativa. Se a solução for obtida por uma seqüência de regras preestabelecidas, será uma forma de pensamento convergente. Para ser criativa, diferente, deveria ser divergente, com estratégias de ação não-comuns. Como já foi discutido na revisão da literatura, esta seria a diferença entre uma resposta algorítmica e uma resposta heurística.

Além disto, encontrar problemas onde talvez outros não os vejam é uma forma de expressão criativa. Nas palavras de Getzels e Csikszentmihalyi (8):

encontrar problemas pode ser tão importante como a solução deles para entender a criatividade: o dom do gênio não é somente a posse de habilidades técnicas ou a facilidade para resolver problemas, mas também a sensibilidade e a imaginação para encontrá-los.

Nenhum docente aponta que resposta a um problema é caracterizada como criatividade.

O mesmo argumento que levou alguns docentes a não diferenciarem tipos de criatividade levou outros a diferenciarem a criatividade em atividades motoras: o corpo, o domínio corporal, os movimentos.

Se a manifestação de uma idéia está diretamente ligada à sua forma de expressão, a criatividade motora só pode ser manifestada por movimentos corporais com sentido e significado. A comunicação que recebemos deste tipo de representação é resultado de uma ideação e interiorização prévias: um processo de ensaios, associação, ideação, esforços, para traduzir idéias através da linguagem corporal (14). Para autores (5) e (12), há muitas formas de ser e agir criativamente.

Considerações finais

Parece evidente a contradição entre a habilidade de atuar eficientemente em situações que envolvem movimentos, espaço, tempo e materiais ou objetos e a aprendizagem de técnicas corporais necessárias ao desempenho de atividades esportivas. As técnicas corporais são importantes como parte do repertório de movimentos que o indivíduo adquire, mas não podem ser consideradas como imprescindíveis para o trabalho de criatividade motora.

Mesmo no caso do atleta, a criatividade motora não ocorre somente pela técnica. A qualidade e a quantidade de experiências motoras que constituem o repertório de movimentos do futuro profissional da Educação Física é que possibilitam o seu agir criativo.

Outro aspecto que chama atenção em algumas declarações dos docentes é a questão da inibição, do medo de se expor em atividades que utilizam o corpo. Este “bloqueio corporal” estaria associado a bloqueios emocionais e sócio-culturais que o indivíduo adquire ao longo de sua vida e que impedem de observar este tipo de potencial criativo expresso pela motricidade.

A maioria dos docentes associam a criatividade motora a atividades ligadas à Dança, Teatro e Arte. Estas opiniões nos levam a supor que, se a conduta criativa é reconhecida pela manifestação de idéias e que, tanto no caso de atividades motoras em geral (Dança, Teatro etc...) como no caso específico da Educação Física, dependem do corpo e dos movimentos, a criatividade motora tem dois aspectos fundamentais:

1. experiências motoras que o indivíduo vivenciou e que oportunizam a expressão de idéias criativas. Isso não significa que a criatividade é atributo de pessoas altamente dotadas ou técnicas, mas daquelas que conseguem dominar seu corpo em diferentes situações;

2. a criatividade motora está relacionada à inibição ou bloqueio que impede sua manifestação. Os valores sócio-culturais que preconizam o corpo, os gestos e os movimentos da moda acabam por cercear a manifestação da criatividade. “Ter idéias” de nada adianta, se o indivíduo não consegue expressá-las por meio de sua motricidade.

Um terceiro ponto levantado em nossa análise chama atenção: a linguagem ou a expressão verbal como manifestação de criatividade também foi considerada na descrição de episódios dos docentes. Sair de uma situação difícil, inventar uma história, dar uma resposta verbal inusitada para o momento parecem ser atributos importantes do profissional da Educação Física.

Bibliografia

1. BARBOSA, A. M. & CIORNAI, S. (2000) Imagens da Criatividade. *Insight. Psicoterapia e Psicanálise*. 103, fev. ISBN 0103-9083.
2. BODEN, M. (1999). O que é a Criatividade. IN: BODEN, M. *Dimensões da Criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas. ISBN 85-7307-514-7.
3. FRANCO, M. L. P. B. (1994) *Ensino médio: desafios e reflexões*. Campinas: Papirus.
4. FREIRE, J. B. (1991) *O sensível e o inteligível : novos olhares sobre o corpo*. S. Paulo. Tese de Doutorado - USP.
5. GARDNER, H. (1999) Os Padrões dos Criadores. IN: BODEN, M. *Dimensões da criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
6. MASLOW, A. (1990) *La personalidad creadora*. Barcelona: Kairós. ISBN 84-7245-139-9.
7. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1996) *Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394 de 20/12/1996*.
8. MITJÁNS MARTÍNEZ, A. (1997) *Criatividade, Personalidade e educação*. Campinas, SP: Papirus.
9. RUIZ PÉREZ, L. M. (1995) *Competencia Motriz.. Elementos para comprender el aprendizaje en educación física escolar*. Madrid: Gymnos ISBN 84-8013-027-X.
10. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (1997) *Parâmetros Curriculares Nacionais : Educação Física*. Brasília, MEC/SEF.
11. SILVA, S. A. S. (1997) *A dimensão relacional nas aulas de Educação Física: a prática de ensino como cenário de um processo, problemas e soluções*. Tese de Doutorado, PUC São Paulo.
12. STERNBERG, R. & LUBART, T. (1997) *La Creatividad en una Cultura Conformista*. Barcelona: Paidós.
13. TIBEAU, C. C. P. M. (1998) Proposta metodológica para o desenvolvimento da criatividade. *ANAIS do VI Congreso de Educación Física y Ciencias del Deporte dos Países de Lingua Portuguesa*. La Coruña, Espanha.
14. TORRE, S. de LA (1991) ¿ Como sistematizar la estimulación creativa? IN: MARIN, R. & TORRE, S. *Manual de la Creatividad*. Barcelona: Vicens.
15. TRIGO, E. (1996) *La creatividad lúdico-motriz*. Santiago de Compostela, Espanha: MICAT Universidad.

_____ (1999b) Inteligencia creadora e Ludismo. *Actas del IV Congreso de la Ciencias del deporte, la Educacion Fisica y la Recreacion del INEF*. Lleida, 411-422.

17. WECHSLER, S. (1998) Pensando criativamente na Universidade. *Psicologia Escolar e Educacional*. 2 (1), 67-72.